

Peggy Sharpe
Florida State University

Trinta e sete dias em Nova York com Adalzira Bittencourt

Resumo: A viagem de Adalzira Bittencourt para os Estados Unidos durante 1939 gerou a publicação de uma narrativa de viagem que conta os detalhes de sua visita a inúmeras escolas, hospitais, orfanatos de Nova York e à Feira Mundial de 1939 na mesma cidade. Suas impressões sobre as reformas eugênicas, que estavam sendo implementadas nos Estados Unidos nessa época, revelam sua aliança aos projetos de renovação cultural patrocinados pelo regime de Getúlio Vargas que visavam melhorar as condições sociais da população não privilegiada da sociedade brasileira. Os comentários de Bittencourt também expõem o preconceito racial prevalente nos Estados Unidos e sua própria atitude racista com o setor da população brasileira pelo qual advogava como educadora, ativista social, escritora e advogada.

Palavras-chave: escritoras; literatura de viagem; reformas eugênicas em Nova York; renovação cultural durante o regime de Getúlio Vargas; Feira Mundial de 1939.

Copyright © 2008 by Revista Estudos Feministas.

¹ June HAHNER, 1998.

² Adalzira BITTENCOURT, 1943.

Desde os tempos remotos, as narrativas de viagem vêm dando forma a nossas impressões sobre culturas e práticas sociais de povos distantes. A historiadora June Hahner nos lembra que, enquanto as narrativas provenientes dos países do hemisfério norte, geralmente, independentemente dos temas abordados, mensuravam os sistemas de relações de gênero, sexualidade e família latino-americanas em contraposição aos sistemas europeus e norte-americanos, que se presumia serem geralmente superiores, elas também transmitiam dados sobre os países das viajantes, seus valores pessoais e culturais.¹ Em contraste, o ensaio *Trinta e sete dias em Nova York*, de Adalzira Bittencourt, que pertence a uma tradição de um crescente número de narrativas de viagem escritas por intelectuais brasileiros que visitaram o hemisfério norte nas primeiras décadas no século XX, apresenta uma comparação interessante e de certa forma surpreendente entre os valores culturais do norte e do sul.² Como texto primário, o ensaio dessa jovem advogada, educadora e ativista social de São Paulo é curioso por várias razões, mas talvez seu valor maior esteja no modo como a autora se

³ Embora não tenham sido encontrados, segundo Bittencourt haveria também outros livros de viagem, incluindo: *Sobre o mar da Galileia*; *A África que eu vi*; *Por entre cerejeiras em flor (Japão)*; *correndo o Celeste Império (China)*; *A volta do mundo em 1.021 dias*; *Buenos Aires por dentro*; *Cidades italianas*; *O Oriente lendário*; e *Cusco, a Cidade Morta*.

engaja no debate sobre o papel social da ciência em relação aos princípios eugênicos dos primórdios do século XX.

Conforme a biobibliografia de Bittencourt, suas observações sobre alguns aspectos da história social em Nova York nos finais dos anos 30 integram uma série de 10 narrativas de viagens nas quais ela descreve suas impressões sobre a África, o Japão, a China, a Itália, Buenos Aires e Cuzco.³ Nascida no Estado de São Paulo em 1904, Adalzira tem suas primeiras poesias publicadas ainda na adolescência. Em 1927, forma-se em Direito em uma turma na qual se destaca como a única mulher, rumando em seguida para a Itália, onde estuda Ciências Sociais, e finalmente para a Holanda, onde completa seus estudos em Direito Internacional. Após sua viagem aos Estados Unidos em 1939, Adalzira passa quatro anos em Buenos Aires, onde leciona em uma universidade argentina, apresenta palestras sobre literatura e cultura brasileiras, e participa do movimento eugênico pan-americano. Sendo o bem-estar das crianças uma de suas maiores preocupações como ativista social, em 1930 funda o Lar da Criança, no Rio de Janeiro, que, durante seus 30 anos de existência, abrigou e educou mais de 10.000 crianças.

Sua turnê de seis meses por território americano inicia-se em 1939, quando assiste à conferência pan-americana de mulheres em Washington, D.C. Em seguida, a escritora visita 30 cidades americanas e vários parques nacionais, dentre eles o Yosemite e o Yellowstone. Entre maio e setembro desse mesmo ano, Adalzira passa trinta e sete dias na cidade de Nova York, em um hotel localizado próximo ao Times Square, na Sétima Avenida com a Broadway. Durante sua estada em Nova York, redige um detalhado diário no qual descreve as pessoas com quem se encontra, os lugares que visita, os costumes que mais a encantam e aqueles que lhe causam indignação. A descrição meticulosa das visitas a escolas, orfanatos e hospitais nos Estados Unidos serve a dois propósitos: o de promover entre o povo brasileiro maior interesse na reforma eugênica e o de utilizar suas observações sobre o progresso eugênico visto nos Estados Unidos como ponto de entrada para a discussão de dois assuntos que permeiam todo o seu trabalho literário e o seu ativismo social, a saber, a imagem negativa com que o Brasil é visto no exterior em decorrência de sua população basicamente mestiça e a questão sobre as possibilidades de existência de uma população coesa em um país cujo povo é sobretudo miscigenado.

Ao que parece, além de ter ido aos Estados Unidos com o papel não oficial de embaixadora cultural, segundo suas palavras confirmam, Adalzira carregava consigo a seguinte missão:

Cheguei a Nova York com tríplice personalidade. A primeira era a intelectual levando por parte de duas associações de letras do Brasil a missão de saudar os intelectuais de Norte-América; a segunda era a educadora de sentimentos pan-americanos portadora de mensagens e mimos das crianças brasileiras para os colégios yankees, além de estar representando associações de professores. Levava também mensagens de mestres para mestres e a incumbência semi-oficial de estudar o sistema educativo na América. A terceira era a turista que tudo quer ver, tudo quer sentir, tudo quer cheirar, apalpar, experimentar.⁴

⁴ BITTENCOURT, 1943, p. 16-17.

Assim como outros intelectuais latino-americanos em viagens ao hemisfério norte, Adalzira utiliza-se de uma série de generalizações que pretendem diferenciar o mundo anglo-saxão do mundo latino-americano. De uma forma geral, tais dicotomias se manifestam por meio de comparações entre os Estados Unidos e o Brasil em que a escritora ressentida-se dos problemas de seu país. No prefácio de *Trinta e sete dias em Nova York*, por exemplo, lamenta a falta de infra-estrutura turística, que impede os viajantes brasileiros de desfrutarem das belezas naturais de seu país, ao passo que admira as possibilidades oferecidas aos norte-americanos, uma vez que desfrutam do conforto de uma estrutura que favorece viagens freqüentes.

Ao mesmo tempo que critica as condições brasileiras, Adalzira preocupa-se com a falta de prestígio com que o seu país é visto no exterior. Talvez sua atitude defensiva se justifique pela observação de Roberto Ventura, que salienta a dificuldade dos intelectuais brasileiros de ignorarem as críticas externas que descreviam o Brasil como uma aberração diante dos olhos estrangeiros devido exclusivamente à sua população mestiça.⁵ Em conformidade com a posição de Ventura, Adalzira, em seu diário, aproveita-se das mínimas oportunidades para elevar o conceito de seu país aos olhos dos norte-americanos, ainda que para tanto tenha de recorrer a algumas "mentiras patrióticas" aqui e acolá. Ao descrever uma situação em que foi indagada sobre as condições dos menores abandonados no Brasil, a escritora confessa:

Contei-lhe o que era interessante e no meu entusiasmo pelo assunto escorreguei e já ia apontando os desleixos que há no Brasil, a falta de assistência em que vivem as nossas crianças, etc., mas acordei a tempo, e procurei só falar nas coisas boas. Para empanar alguma mazela disse-lhe duas ou três mentiras patrióticas sobre coisas que estávamos realizando ou cogitando realizar, mas na verdade vivem apenas no meu sonho, encaminholadas no meu cérebro e que eu desejaria fazer, se me fosse possível [...].⁶

⁵ Roberto VENTURA apud Lília Moritz SCHWARCZ, 1999.

⁶ BITTENCOURT, 1943, p. 27-28.

Contudo, a bem-humorada postura de Adalzira a respeito da imagem negativa que os estrangeiros teriam sobre o Brasil transforma-se em indignação e mesmo profundo sentimento de humilhação ao narrar sua primeira visita à Feira Mundial de Nova York, em 1939. Ao escolherem por lema *Building the World of Tomorrow with the Tools of Today* (Construir o mundo futuro com as ferramentas do presente), os organizadores da Feira Mundial de 1939 davam forma a uma tentativa de reverter o impacto da grande depressão. Nesse sentido, o evento nova-iorquino iria expor os mais recentes avanços da tecnologia para um público internacional. O historiador Daryle Williams contextualiza o interesse dos organizadores em ver o Brasil tomar a liderança entre os países latino-americanos presentes na feira.⁷ De fato, sob a direção do general Armando Vidal, o Pavilhão Brasileiro propunha-se a expor ao público internacional, de um modo didático, os elementos da renovação cultural ora em andamento no Brasil, uma iniciativa do Regime Vargas. Além disso, a missão brasileira junto à feira procurava fortalecer as relações comerciais com os Estados Unidos.⁸ As tentativas de se definir a identidade nacional do Brasil, encetadas desde os primeiros anos da Era Vargas, formavam parte integrante de um debate entre a intelectualidade brasileira, o qual durou várias décadas. Daí que o objetivo da missão de questionar a imagem do Brasil como mais um país latino-americano à parte das nações industrializadas em função de um suposto espírito de desorganização e indolência não apenas fizesse sentido mas também que tivesse ocorrido em um momento extremamente oportuno. Assim, para combater essa imagem negativa, a comissão escolheu de valer-se do modernismo cultural como metáfora das mudanças que ocorriam na sociedade brasileira. Para Williams, “A escolha foi particularmente feliz, uma vez que os modernistas utilizavam-se de idiomas culturais da modernidade, os quais eram acessíveis ao público internacional, mas sem por isso deixar de fazer jus à sensibilidade brasileira propriamente”.⁹ Para as representações das nações do Atlântico Norte junto à Feira de Nova York, o modernismo brasileiro lhes fornecia uma linguagem à altura tanto da futuridade quanto da outridade.

Em forma de ‘L’, o pavilhão de dois andares fora projetado pelo aclamado Lucio Costa e seu jovem discípulo modernista Oscar Niemeyer, dois arquitetos que já haviam trabalhado juntos no projeto da primeira sede do Ministério da Educação e Saúde criado por Vargas em 1932. Produto dos ensinamentos estruturais e estéticos da então emergente “escola internacional” de arquitetura associada ao arquiteto franco-suíço Le Corbusier e ao Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, o Pavilhão Brasileiro contava com uma

⁷ Daryle WILLIAMS, 2001.

⁸ WILLIAMS, 2001.

⁹ Tradução minha. A citação original em inglês: “This seemed an entirely appropriate choice, because the modernistas employed cultural idioms of modernity accessible to international audiences, while maintaining a commitment to Brazilian sensibilities. For the North Atlantic nations represented at the New York fair, Brazilian modernism provided a language that bespoke of tomorrowness and otherness” (WILLIAMS, 2001, p. 207).

¹⁰ Fotos de outros pavilhões e exposições podem ser encontradas na coleção fotográfica contida em: Richard WURTS e Stanley APPELBAUM, 1977.

rampa ligando o segundo andar a uma esplanada onde um jardim tropical exibia plantas nativas do Brasil. A exposição montada no interior do pavilhão procurava chamar a atenção do público para recursos naturais que podiam ser transformados em produtos de exportação, tais como borracha, café, castanhas e assim por diante.¹⁰

Ansiosa para testemunhar o evento internacional do modo mais amplo, Bittencourt visitou o Pavilhão Brasileiro em companhia de várias amigas, sendo uma delas americana do norte e as outras da América Latina. A resposta imediata de Adalzira ao que viu nessa primeira visita ao pavilhão reflete o desprezo que sentia pelo novo estilo arquitetônico, o qual, em sua função de metanarrativa da renovação cultural promovida por Getúlio, crescia na consideração crítica dos modernistas brasileiros:

Queríamos iniciar a visita pelo pavilhão do Brasil. Tomamos para isso um guia e em pouco deparei 4 mastros à moda dos mastros de São João na roça, e neles vi o lindo pavilhão verde e amarelo na frente de um mostrengo branco com dois pavimentos. Na parte superior, algo saliente da inferior, uma parede envidraçada em quadros dessimétricos, e atrás desses vidros caixotes vazios amontoados. Na parte inferior, em uma parede lisa, estava escrito várias vezes *Brazil... Brazil... Brazil... Brazil...* Um declive no andar superior em curva vem até o jardim. Digo jardim porque sempre que se trata do meu país fico com vontade de dizer coisas belas, mas o jardim ali era antes um terreirinho sujo.¹¹

¹¹ BITTENCOURT, 1943, p. 72.

Chegando ao pavilhão, Bittencourt procura pelo lago que tanto havia sido elogiado pela imprensa como vitrine das mais importantes plantas nativas. O que viu, no entanto, foi uma vitória-régia em uma “[...] poça d’água estagnada, mal cheirosa, recoberta de limo e espumas”.¹² A contrapelo da imagem da tecnologia e da magnificência cultural expostas no Pavilhão Russo – em que as escadas rolantes, os cinemas e os espetáculos teatrais com animação se destacavam –, o Pavilhão Brasileiro desmerecia a industrialização em favor de uma exposição de cunho “cultural” que salientava a composição étnica da população híbrida brasileira:

¹² BITTENCOURT, 1943, p. 73.

À direita, ao lado da escada, uma pequena demonstração da extração do petróleo recém-descoberto em Lobato, na Bahia. Ao fundo uns quadros futuristas de negros horríveis, disformes, o que valeu ouvir de alguns visitantes que o Brasil é um país de negros [...].¹³

¹³ BITTENCOURT, 1943, p. 73.

Os quadros referidos pela escritora na passagem citada são do renomado pintor modernista Candido Portinari, a quem três murais haviam sido encomendados por ocasião

da feira. Seus jangadeiros, baianas e gaúchos chamaram a atenção dos críticos da época por sua estética modernista inovadora. Porém, na opinião de Adalzira, eles não passam de um motivo a mais para justificar o desdém dos estrangeiros. Ao ver a sala onde Carmen Miranda e a Banda da Lua deveriam se apresentar naquela mesma tarde, “[u]m salãozinho com umas vulgaríssimas cadeiras cromadas com assento de veludo azul; o soalho sujo; pontas de cigarro, papéis, um despeixo horrível”,¹⁴ Adalzira fica ainda mais indignada, pois isto configura outro exemplo da posição de inferioridade da cultura brasileira diante do vizinho do hemisfério norte.

¹⁴ BITTENCOURT, 1943, p. 75.

Desapontadas, Adalzira e suas amigas refugiam-se em um café brasileiro dentro do pavilhão, sendo mais uma vez surpreendidas ao perceberem a reapropriação e o consumo pelos Estados Unidos do maior produto de exportação brasileiro.

Fomos ao café. Seria o lenitivo. Na América, onde o café é horrível – chá de café como diz uma brasileira amiga, vamos saborear o delicioso café do Brasil, o melhor do mundo! Mas nova decepção me esperava. O café era servido por americanas que não diziam uma só palavra em português. Disseram-me em bom inglês que o café era do Brasil, feito, porém, à moda da América. Café ralo, sem gosto de café. Imbebeível.¹⁵

¹⁵ BITTENCOURT, 1943, p. 75.

Bittencourt não é a única a indignar-se sobre a falta de projeção da América do Sul na feira mundial. Suas companheiras porto-riquenhas também expressam frustração diante do que chamam da mediocridade dos outros pavilhões latino-americanos. Todas concordam que, com exceção da mostra venezuelana – cuja exposição ressalta o processo de industrialização das companhias petrolíferas –, a feira mundial em nada contribuiu para melhorar a imagem da América Latina no exterior. Adalzira ressentida do fato de nem sequer a exposição do edênico e tropical paraíso brasileiro – com toda sua abundância, jardins verdejantes, praias virgens e paisagens naturais magníficas – ter servido para contrabalançar a imagem negativa da nação diante dos olhos estrangeiros.

Nesse meio tempo a imprensa no Brasil publicava reportagens sobre o sucesso do Pavilhão Brasileiro em Nova York. Ao receber pelo correio recortes dessas reportagens, Adalzira reage emocionalmente, a ponto de acusar a imprensa de querer enganar seus leitores, ao que acrescenta:

Fico nervosa por não saber como gritar às Américas e ao mundo que o Brasil podia ter uma representação nessa feira como a de qualquer dos países europeus ali tão faustosamente representados. Para isso, no

¹⁶ BITTENCOURT, 1943, p. 156.

Brasil, sobram artistas, arquitetos, homens honestos e imparciais, capazes de, com o mesmo dispêndio, ter feito o que a Itália, a Inglaterra, a França ou a Rússia fizeram.¹⁶

Uma vez que o novo modernismo cultural em exibição em Nova York disseminava imagens da conformação racial e agrícola da nação que, no Brasil, a ciência e o regime getulista em parceria procuravam minimizar por meio de reformas no âmbito da sociedade, educação e saúde, Adalzira se aferra com firmeza ainda maior à sua opinião de que o Brasil deveria seguir um caminho pelo qual se legislariam os mesmos tipos de reformas eugênicas que ora se implementavam em Nova York. Nada que fosse menos drástico do que isso poderia melhorar as condições relativas à educação e ao bem-estar social em geral da crescente massa de mulatos e imigrantes, pobres, analfabetos e doentios de que se constituía a quase totalidade da força de trabalho no Brasil.

Enquanto que os Estados Unidos foram palco do apoio estatal à esterilização de 'degenerados', bem como de leis que baniu casamentos inter-raciais algumas décadas antes da visita de Bittencourt em 1939, já no Brasil o debate sobre a eugenia tendia a despolitizar a noção de raça em favor de um discurso que a subordinava a outras áreas das reformas, tais como educação e saúde. Embora propusesse uma marcha para a criação de uma única etnia que seria comum a todos os brasileiros, uma vez superadas as condições de inferioridade culturais e higiênicas, o caráter extremamente pessoal do gênero literário das narrativas de viagem deixa transparecer os sentimentos de superioridade e o preconceito racial que Adalzira sentia em relação àqueles que pertencessem a outras classes sociais e/ou etnias. Essa forma óbvia de racismo dificulta, para os leitores de hoje, a contextualização dos diversos papéis que ela desempenhou como advogada feminista com uma carreira dedicada, por um lado, a defender os direitos dos menores e, por outro, a avançar propostas de reformas eugênicas compatíveis com as práticas de branqueamento do comportamento e das condições sociais de todos aqueles que fossem de etnias diversas. Ao salientar em outro contexto que os juristas mais proeminentes e elitistas de São Paulo compreendiam o direito como incorporando uma missão social ligada ao desenvolvimento da ciência, Lilia Moritz Schwarcz faz uma observação que também é de particular importância no caso de Adalzira Bittencourt quando mostra o quanto suas idéias faziam parte de tendências mais amplas da sociedade.¹⁷ Nesse contexto, portanto, cabe sugerir que, em vez de se relevar o trabalho de Adalzira Bittencourt em função de uma percepção de

¹⁷ SCHWARCZ, 1999.

conservadorismo regida por uma ótica contemporânea, é preciso lê-lo e estudá-lo como um exemplo da ambivalência que pensadores da elite brasileira eram capazes de demonstrar em relação aos mesmos grupos sociais em favor dos quais eles procuravam legislar. Não sendo o caso de desenvolver um compromisso moral ou ético para a construção de uma sociedade multicultural, o que interessava a Bittencourt era como certas reformas implementadas em Nova York e na Europa poderiam ser implementadas produtivamente em uma sociedade cultural e racialmente diversa como a brasileira. Assim como outros intelectuais de sua época, Bittencourt endossava uma idéia de raça que ameaçava apagar as próprias diferenças que hoje são consideradas fundamentais para a criação de uma sociedade multicultural.

Seu interesse em implementar reformas sociais que visassem ao bem-estar das pessoas carentes, de baixa ou nenhuma escolaridade, e dos doentes, mais precisamente os mulatos e os imigrantes, levou-a a visitar orfanatos, hospitais e escolas durante sua estada em Nova York. O relato dessas visitas fornece o espaço para comentários pertinentes ao contexto norte-americano, mas Adalzir aproveita esse espaço também para ensinar o público brasileiro a respeito de questões entendidas como congêneres ao espírito da reforma eugênica. No relato de sua visita ao Harlem, a ensaísta apresenta um quadro sociológico dos perigos a que os pobres eram expostos em uma urbanização desordenada, bem como o impacto dessa no bem-estar das crianças em geral. Expressa, também por motivo dessa ocasião, o quanto admira o trabalho do Children's Aid Society (Sociedade de Apoio às Crianças) e do Harlem Children's Center (Centro de Crianças do Harlem), louvando as contribuições feitas pelo Service Bureau for Negro Children (Bureau de Serviços para as Crianças Negras) assim como por diversas agências religiosas. Concorrentemente, abre um parêntese para comentar a crescente popularidade de um profeta religioso e espiritual, o afro-americano conhecido como "Father Divine" ("Pai Divino"), que, a exemplo de Antônio Conselheiro no sertão, incitava em Nova York a população americana a se organizar em novos tipos de comunidades, em uma tentativa de reestruturação social.¹⁸ Sua breve digressão sobre a crescente popularidade do líder religioso e espiritual afro-americano revela uma das crenças mais predominantes da época, a de que raça determina moralidade. Ao mesmo tempo que Bittencourt ridicularizava o que ela percebia como sendo a ingenuidade dos afro-americanos que efetuavam contribuições monetárias à missão de Father Divine, ela também tecia comentários sobre a suposta tênue

¹⁸ SCHWARCZ, 1999.

fibra moral das mulheres afro-americanas, cujas chances de se tornarem anjos do movimento pela paz liderado por Father Divine subitamente sumiam ao se verem às voltas com a polícia ou então precisarem dos serviços de uma parteira. Há até mesmo uma sugestão indireta de que o líder espiritual afro-americano estivesse enganando seus seguidores propositalmente, levando Bittencourt a compará-lo ao líder messiânico de Canudos, Antônio Conselheiro, uma comparação obviamente de cunho negativo, dado o contexto de desconfiança em que é feita, e que serve para questionar os motivos do Father Divine ao fundar um movimento internacional pela paz, o qual vinha se fortalecendo nos Estados Unidos por meio e além da década de 30.

Embora haja várias instâncias desse tipo de postura de desprezo no decorrer da totalidade do ensaio, a mais chocante ocorre em um diálogo entre Adalzira e Mr. Lord, o pai de uma amiga norte-americana que Adalzira já havia conhecido no Brasil. Por meio de Mr. Lord, Adalzira revela o ponto de vista da elite industrial norte-americana em relação às práticas de segregação racial no início do século XX, também como alguns dos motivos que a levaram a aderir às plataformas do discurso eugênico no Brasil. É, portanto, premente a citação desse diálogo surpreendente que começa com uma indagação de Adalzira sobre a questão da miscigenação nos Estados Unidos:

Nas escolas e nas instituições que tenho visitado indago sempre se não seria melhor misturar como no Brasil, o elemento negro com o branco e ouço a uma voz que não é conveniente, pois a diferença de raça traz a diferença de índole, de caráter, de instintos. A raça negra é uma raça inferior, e sendo mais fecunda, prejudica a raça branca.¹⁹

¹⁹ BITTENCOURT, 1943, p. 139.

Ao solicitar a opinião de Mr. Lord sobre a mistura de raça, ouvimos na resposta a voz do privilégio: “Sou da opinião dos médicos, dos sábios, dos pedagogos. O negro não deve ser humilhado, nem ridicularizado, mas deve viver como fazemos aqui, à margem da vida dos brancos”.²⁰ Adalzira, então, prossegue:

AB: – No Brasil é uma pouca vergonha. Um negrinho que sobe um pouco na vida, casa-se com uma branca.

Lord: – E os filhos?

AB: – Saem 95% negros.

Lord: – Devem ser proibidos esses casamentos.

AB: – E o pior é que os negros brasileiros se metem em tudo. Assim, quando temos que fazer uma representação no estrangeiro, um negro qualquer se mete e as nossas delegações são sempre propagadoras de que somos uma sucursal da África.

²⁰ BITTENCOURT, 1943, p. 140.

Lord: – Eu já sabia disso. A delegação de foot-ball brasileira é composta de uma macacada negra. Eu conheço o Brasil. Acho-o encantador, e por isto lastimo que se pense que ele seja um país de negros. Se eu fosse governo no Brasil não permitiria que negro ocupasse certos cargos na vida pública. Proibiria representação no estrangeiro com negros, etc.

AB: – Infelizmente, Mr. Lord você não pode fazer isso pelo Brasil.²¹

²¹ BITTENCOURT, 1943, p. 140-141.

Nesse diálogo inquietante, novamente somos instados a encarar a visão de superioridade cultural norte-americana que, com sua prática de segregação racial, opõe-se à idéia de que uma população mestiça como a brasileira poderá algum dia conquistar o respeito do mundo industrializado. Em outras palavras, ao revelar a posição de Mr. Lord, Bittencourt confirma seus piores medos e maiores inseguranças – que as potências industriais mundiais nunca aceitariam o potencial brasileiro, caso os problemas gerados pela hibrididade da população não fossem devidamente abordados por meio de reformas legais que visassem fortalecer a raça e, conseqüentemente, a imagem do Brasil no exterior. Assim sendo, somente uma reforma eugênica somada ao processo de industrialização seria capaz de oferecer uma saída aceitável para um país que desejasse ser reconhecido internacionalmente como nação civilizada.

Logo depois do jantar, o grupo sai para visitar um bairro preto em Nova York e acaba entrando em uma discoteca. A insensibilidade de Adalzira com as questões de classe social e as diferenças étnicas, frutos da marginalização da população afro-americana nos Estados Unidos, transparece claramente nos comentários que tece em torno da decoração do ambiente. Ao entrar no estabelecimento, diz: “Não sei por que o preto não tem instinto artístico. O salão estava cheio de enfeites de papel de seda, flores artificiais e até bandeirinhas recortadas [...] Um mau gosto horrível”.²² Coerente com esse desprezo é a desconfiança que expressa ao não receber um cardápio de bebidas, pressupondo, dentre tantas outras possibilidades, ser o estabelecimento desonesto o suficiente para querer explorar os estranhos de que o grupo dela era formado: “Apesar de pedida não nos deram a lista de preços e o consumo que fizemos foi pago ao preço algumas vezes maior que a tabela dos grandes *night-clubs* de brancos. É como castigam os intrusos [...]”.²³ Embora note diversas formas de preconceito racial em Mr. Lord e em vários dos diretores de orfanatos, hospitais e escolas que ela visita em Nova York, Adalzira não deixa transparecer nenhuma preocupação com suas próprias opiniões e atitudes racistas.

²² BITTENCOURT, 1943, p. 141.

²³ BITTENCOURT, 1943, p. 141.

No dia 16 de setembro de 1939, Adalzira embarca ao Brasil, cheia de saudade dos amigos e das experiências vividas em Nova York. O impacto dessa viagem, somado ao de sua viagem à Europa em 1930, irá reorientar o seu trabalho bem como a sua produção escrita ao longo dos 20 anos que se seguiram. Nesse meio tempo, porém, deparamo-nos com uma Adalzira emocionada ao despedir-se da metrópole norte-americana, objeto de sua admiração tanto quanto de seus questionamentos:

Deixarei hoje Nova York com uma grande saudade e uma grande ternura, embora saiba que aqui voltarei ainda muitas vezes. [...] Adeuses... adeuses... O navio se afasta vagorosamente. Os lenços se agitam como o voejar de borboletas brancas [...] e Nova York vai ficando... vai se afastando... afastando... *Good bye, New York! Good-Bye!* E chega aos meus ouvidos através dos solavancos das ondas a resposta amiga: Baaaii... Baaii... Baaaii... Baaaii.²⁴

²⁴ BITTENCOURT, 1943, p. 331-332.

Quatro anos mais tarde, em uma conferência intitulada "Getúlio Vargas visto no estrangeiro", realizada no Instituto Nacional de Ciência Política, a 27 de fevereiro de 1943, Bittencourt refere-se à sua estada em Nova York no contexto da admiração generalizada nas Américas pelo projeto de renovação cultural de Getúlio Vargas. Os encômios por ela tecidos ao longo dessa palestra em torno da fama de Getúlio reforçam a aliança de Bittencourt com o projeto getulista de alcance nacional e contribuem para a definição do papel que ela desempenhou em sua evolução. Seus comentários a respeito da reação do governo americano a Getúlio alinham-se com o que ela escrevera em sua narrativa de viagem quanto às visitas que ela fizera às autoridades governamentais em Washington, D.C. Ainda no contexto da palestra, Bittencourt afirma que não era apenas nos Estados Unidos que Vargas despertava admiração:

No Canadá, nos Estados Unidos, no México, Antilhas, Chile, Paraguai, Uruguai, Argentina, por todos os países que visitei, havia nas manifestações de simpatia, sinceridade de fato [...] Nos Estados Unidos ouvi, muitas vezes e sempre com entusiasmo, falar-se no nosso Presidente, a quem votos de felicidade enviavam por meu intermédio, inclusive de alguns representantes da Casa Branca, em Washington, dos quais ainda guardo cartas, uma delas do secretário de Estado, Mr. Lawrence Duggan, oficial de gabinete do Presidente Roosevelt.²⁵

²⁵ BITTENCOURT, 1952, p. 11.

Em seu tempo como representante não oficial do governo Vargas, bem como antes mesmo de o político

gaúcho tomar o poder em 1930, quando Bittencourt viajara pela Europa com o objetivo de desenvolver seus conhecimentos de medicina social, ela pôde adquirir uma visão mais especializada tanto do teor das técnicas que vinham sendo utilizadas na aplicação de determinadas reformas eugênicas em outras regiões do mundo, quanto do modo como poderiam vir a servir ao Brasil em sua trajetória de avanços nesse campo. Daí não ser surpresa que, em 1942, apenas três anos após seu retorno dos Estados Unidos e por ocasião do Primeiro Congresso sobre a Saúde da Raça, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Urologia, Adalzira Bittencourt tenha sido convidada para participar em uma conferência conjunta com dois outros médicos – Saboia Lima e Helio Gomes. Os organizadores do evento haviam recebido recursos federais para discutir e delinear uma série de políticas sociais e médicas que seriam estudadas detalhadamente para, em um segundo momento, receber completo apoio legislativo.²⁶ Publicada após o evento, a conferência de Bittencourt destaca os cinco temas discutidos na ocasião: exames pré-nupciais, estudo médico-social do meretrício, educação sexual, luta antivenérea e direito de cura.²⁷

²⁶ BITTENCOURT, 1942.

²⁷ BITTENCOURT, 1942.

O relatório da equipe de Adalzira limita-se ao quinto tópico, o direito de cura, que inclui uma discussão dos direitos do Estado e do indivíduo sobre si e sobre o outro. No caso dos direitos do indivíduo sobre si, a equipe de Adalzira debate o direito ao aborto, o da própria vida (suicídio), o de não deixar operar e o direito à greve de fome. Sobre os direitos que o Estado teria sobre o indivíduo, Adalzira defende a idéia de se salvar aquele que tentou o suicídio, o direito de se fazerem enxertos e de se operar, em caso de urgência, sem o consentimento do paciente. Sobre os direitos do médico ou do direito de um indivíduo sobre outro indivíduo, há o direito que o médico deve ter de estender a operação a outros órgãos, de atender em caso de desastre, de tratar o paciente e de cobrar por seu trabalho mesmo que não houvesse sido chamado, como nos casos de acidente. Finalmente, debate o direito do Estado em seu favor, à revelia do indivíduo. Nesses casos, segundo Adalzira, seria benéfica a esterilização dos leprosos e dos tuberculosos, além da legislação sobre a eutanásia, os exames pré-nupciais, o isolamento de enfermos contagiosos e a separação dos filhos dos pais leprosos, tuberculosos, cancerosos etc.²⁸ Adalzira explica seu apoio à eutanásia por meio de seu espírito religioso: “Apesar dos princípios católicos, fervorosamente cristãos que me norteiam a vida, sou eutanásista. Sou-o por piedade. Tenho horror de ver alguém sofrer irremediavelmente”.²⁹ E, finalmente, conclui a conferência destacando a importância da saúde para o progresso da nação: “Sendo a saúde o melhor bem da vida, o que mais conduz à felici-

²⁸ BITTENCOURT, 1942.

²⁹ BITTENCOURT, 1942, p. 31.

³⁰ BITTENCOURT, 1942, p. 37.

dade, alegria e bem estar, que médicos, juristas, governo e povo trabalhem para a preservação desse bem, concorrendo assim para a grandeza e glória do Brasil".³⁰

Tanto sua participação nesse evento quanto os detalhes de suas propostas refletem o espírito das reformas médicas e sociais descritas em *Trinta e sete dias em Nova York*. Embora a narrativa de sua viagem retenha a capacidade de fascinar e um inegável valor histórico ao retratar um momento de particular importância para o desenvolvimento do movimento eugênico nos Estados Unidos, tal como visto pelos olhos da elite brasileira, não se deve relevar as tensões e as contradições endêmicas entre pensadores progressistas das décadas iniciais do século XX. Como Schwarcz ressalta:

Ao configurar modelos onde se misturavam ciência e política, pesquisa e literatura, o acadêmico e o evangélico, aqueles intelectuais eram levados a situar-se em posições bastante incômodas, entre aceitar teorias estrangeiras contrárias à mistura racial e a adaptação dessas mesmas teorias a um país já altamente miscigenado.³¹

³¹ Tradução minha. Esta citação vem da tradução em língua inglesa do livro de Schwarcz: "Mixing science and politics, research and literature, the academic and the evangelical, these intellectuals moved in the uncomfortable circles to which the models led them: between the acceptance of certain foreign theories that condemned racial blending, and their adaptation to a nation that was already highly interbred" (1999, p. 16).

De fato, não é o caso aqui de se minimizar a natureza ofensiva das posturas elitistas de Bittencourt ou mesmo de passar por cima de sua falta de sensibilidade quanto a questões de raça e classe social em razão de suas observações sobre o impacto de reformas eugênicas positivas nos Estados Unidos e de sua visão de si como defensora das crianças brasileiras. Trata-se, isto sim, de ressaltar que suas observações demonstram concretamente que ela compartilhava com os seus contemporâneos as mesmas preocupações sobre como a nação brasileira, em sua ambição de vir a ser reconhecida como potência mundial, poderia ser dirigida ao futuro nas mãos de uma geração miscigenada, a qual, posicionada em uma situação de profunda desvantagem, estaria ainda incapacitada para liderar. Embora diversos aspectos das opiniões de Bittencourt a respeito das reformas sociais, educacionais e da saúde permaneçam intratáveis, tendo em vista a ideologia racista inerente às propostas eugênicas de várias décadas, sua carreira como escritora, advogada, feminista, ativista social e educadora pode ser compreendida, em última análise, como um projeto de vida dedicado ao desenvolvimento do País com o objetivo de se estabelecer um novo mundo nos trópicos.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Adalzira. *Direito de curar*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1942.

- _____. *Trinta e sete dias em Nova York*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1943.
- _____. *Getúlio Vargas visto no estrangeiro*. Palestra proferida no Instituto Nacional de Ciência Política, em 27 de fevereiro de 1943. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Ciência Política, 1952.
- BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969. v. 1.
- HAHNER, June (Ed.). *Women through Women's Eyes: Latin American Women in Nineteenth-Century Travel Accounts*. Wilmington, Delaware: S. R. Books, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *The Spectacle of the Races*. Trans. Leland Guyer. Nova York: Hill and Wang, 1999.
- WILLIAMS, Daryle. *The Culture Wars in Brazil: The First Vargas Regime, 1930-1945*. Durham: Duke University Press, 2001.
- WURTS, Richard; APPELBAUM, Stanley (Ed.). *The New York World's Fair, 1939-1940*. New York: Dover Publications, 1977.

[Recebido em setembro de 2008
e aceito para publicação em outubro de 2008]

Thirty – Seven Days in New York with Adalzira Bittencourt

Abstract: *Adalzira Bittencourt's visit to the US during 1939 resulted in a travel narrative that recounts the details of her visits to numerous schools, hospitals and orphanages in the city of New York and to the 1939 World's Fair held in the same city. Her general impressions of the eugenic reforms underway in the US during this time period reveal her support for the project of cultural renewal sponsored by the Vargas regime that targeted the disadvantaged in Brazilian society. In addition, Bittencourt's commentary exposes the racial prejudice prevalent in American society at the time and outlines the hues and tones of her own brand of racism vis a vis the very sector of the Brazilian population she advocated for throughout her career as a lawyer, educator, social activist and writer.*

Key Words: *Women Writers; Travel Narratives; Eugenic Reforms in New York; Cultural Renovation in the Government of Getúlio Vargas; 1939 Worlds Fair.*